PRIMEIRAS OBRAS BRASILEIRAS PARA VIOLA SOLO: SONATA OP. 11 DE MARLOS NOBRE E DIVERTIMENTO DE JOSÉ GUERRA VICENTE

Emerson Biaggi
(UNICAMP)
emersondebiaggi@gmail.com

Resumo: O principal repertório brasileiro para viola foi composto a partir da segunda metade do século 20. Nesse recital-palestra abordaremos duas peças para viola solo pouco conhecidas, compostas na década de 1960 e que inauguram esse gênero no Brasil: a *Sonata para viola solo op. 11*, de Marlos Nobre, composta em 1963, e o *Divertimento para viola solo* de José Guerra-Vicente, escrito em 1968. Será feito um breve relato do processo de preparação para performance dessas composições, citando as etapas envolvidas: contextualização histórica dos compositores e das peças dentro de suas obras, análise estrutural e estilística, levantamento de dificuldades técnicas, desenvolvimento de estratégias de estudo e o embasamento teórico utilizado visando atingir uma performance musical coerente e própria. Serão discutidas também questões relacionadas ao idiomatismo das peças e o seu valor como contribuições significativas para o repertório violístico nacional e internacional. Por fim, é feita uma reflexão sobre a importância de conhecer, divulgar e tocar esse repertório.

Palavras-chave: Música brasileira século 20. Viola solo. Marlos Nobre. José Guerra Vicente.

First Brazilian compositions for solo viola:
Sonata op. 11 by Marlos Nobre and Divertimento by José Guerra Vicente

Abstract: The main Brazilian repertoire for viola was composed from the second half of the 20th century on. In this lecture-recital we will focus on two little known pieces for solo viola, composed in the 1960's, that inaugurate this genre in Brazil: *Sonata para viola solo op. 11*, by Marlos Nobre, written in 1963, and *Divertimento para viola solo*, by José Guerra-Vicente, composed in 1968. We start with a brief report of the two pieces' performance preparation process, describing the stages involved in it: historical contextualization of the composers and of the pieces within their general work, structural and style analysis, technical difficulties survey, development of practice strategies and the theoretical based employed in the search of a coherent and personal musical performance. Aspects related to the presence of idiomatism in the pieces and their value as significant contributions to the national and international viola repertoire will also be addressed. Finally, we conclude with a reflection on the importance of knowing, divulging and playing this repertoire.

Keywords: 20th century Brazilian music. Solo viola. Marlos Nobre. José Guerra Vicente.

A produção mais consistente de música brasileira para viola ocorre a partir da segunda metade do século 20. Na década de 1960, duas peças escritas para *viola solo* inauguram esse gênero musical: a *Sonata op. 11* de Marlos Nobre, composta em 1963, e o *Divertimento* composto por José Guerra Vicente em 1968. O objetivo desse recital-palestra é divulgar essas pouco conhecidas composições, destacando suas qualidades musicais, bem como relatar o processo de preparação desenvolvido.

Inicialmente buscou-se situar os dois compositores em seu contexto histórico e as peças dentro das respectivas obras. Como principal fonte de informações utilizou-se a dissertação de mestrado intitulada *Música Brasileira para viola solo* (MENDES, 2002). Em seguida, foi realizado um estudo da estrutura formal das obras, visando compreender as subdivisões internas dos movimentos. O próximo passo envolveu análise do estilo e da linguagem empregada pelos compositores, a fim de construir uma interpretação coerente com esses elementos.

Na realização da leitura das peças com o instrumento foi feito um levantamento dos principais desafios técnicos e traçadas estratégias de estudo para superá-los. Apesar de as duas pe-

ças apresentarem notação tradicional, sem o emprego de técnica expandida ou outros recursos frequentes na música mais atual, foi necessário criar exercícios próprios para resolver questões técnicas em diversas passagens, já que métodos tradicionais de estudo do instrumento pouco nos preparam para lidar com sequências de intervalos dissonantes (trítonos, segundas e sétimas maiores e menores), progressões em intervalo de quarta justa, acordes não usuais, contrastes abruptos de dinâmica e articulação, grandes saltos melódicos, entre outros aspectos encontrados.

Buscando uma visão integrada das peças e otimizar seu tempo de preparação revelou-se bastante útil o estudo realizado por Karen Wise, Mirjam James e John Rink (2017). Esses autores descrevem uma forma interativa de lidar com a solução de problemas, com aspectos da interpretação organizados em 2 níveis, a fim de desenvolver interpretações próprias e criativas:

1. **Primeiro nível:**
   - procurar e/ou nomear diferentes caráteres na peça
   - encontrar e enfatizar contraste e variedade
   - experimentar e explorar
   - esclarecer idéias próprias e opiniões
   - identificar e resolver problemas
   - rever idéias ao longo do tempo
2. **Segundo nível:**
   - desenvolver um conceito
   - estabelecer intenções
   - fazer a peça “soar certo”

As duas peças apresentam linguagem bastante idiomática, refletindo um bom conhecimento dos compositores da mecânica e das possibilidades sonoras da viola. Apesar do alto nível técnico demandado, todas as passagens são exequíveis, resultando em peças atraentes para instrumentistas que se proponham a enfrentar seus desafios. Suas qualidades musicais, a coerência de estrutura e de linguagem são capazes de interessar a públicos diversos, transcendendo sua origem nacional. Finalizando, uma citação da dissertação de mestrado do violista André Nobre Mendes que resume a motivação desse trabalho: “Existe hoje um repertório brasileiro para viola muito rico, porém em sua maior parte desconhecido... É preciso fazer conhecer esse repertório, divulgá-lo e é claro, tocá-lo.” (MENDES, 2002).

REFERENCES

MENDES, A. N. (2002). *Música brasileira para viola solo* (Unpublished masters dissertation). Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro- RJ.

WISE, K., JAMES, M. & RINK, J. (2017). Performers in the practice room. In J. Rink, H. Gaunt & A. Williamon (Eds.), *Musicians in the Making: pathways to creative performance (p. 143-163)*. Oxford: Oxford University Press.